

**CAMPO EM MARCHA: OS PRIMEIROS MOVIMENTOS DO  
EXÉRCITO PARAGUAIO (1865)**

Wagner Cardoso Jardim\*

**Resumo:** O artigo aborda os primeiros movimentos do exército paraguaio na chamada Guerra do Paraguai [1865-1870]. Parte desse exército veria fim trágico na província do Rio Grande do Sul ainda no primeiro ano de guerra. As evoluções dos dois exércitos enviados por Solano López e o despreparo administrativo-militar dos chefes da expedição são contemplados de maneira crítica com propósito de compreender os sucessos da Guerra para o exército paraguaio. Os motivos que levaram à Guerra são igualmente tratados de maneira crítica de modo a compreendermos sua essência.

**Palavras-Chave:** Guerra do Paraguai. Ofensiva. Dificuldades.

**Abstract:** This article addresses the first movements of the Paraguayan army called on the Paraguayan War [1865-1870]. Part of that army would tragic end in the province of Rio Grande do Sul in the first year of war. The evolutions of the two armies sent by Solano López and the lack of administrative and military chiefs of the expedition are contemplated critically with the purpose of understanding the successes of the War for the Paraguayan army. The motives for the war are also treated critically in order to understand its essence.

**Keywords:** War of Paraguay. Offensive. Difficulties.

### **Introdução**

A historiografia sobre a chamada Guerra do Paraguai ou simplesmente Grande Guerra é muita vasta e diversificada. Por muitos anos historiadores de diversas correntes historiográficas levantaram hipóteses para explicar suas causas e conseqüências. As abordagens, no entanto, focavam, sobretudo, a guerra do ponto de vista dos exércitos e dos países vencedores.

As primeiras operações militares foram do ponto de vista paraguaio um desastre. Em 1865, duas colunas militares comandadas por dois oficiais distintos foram enviadas para Corrientes e Rio Grande do Sul. No entanto, uma série de problemas de variadas ordens resultou num fracasso total daquelas expedições. Soldados mal armados, mal treinados aliado à imperícia militar dos comandantes, a começar pelo próprio Solano López, corroboraram para aquele desastre militar.

---

\*Mestrando em História do PPGH – Universidade de Passo Fundo, Bolsista CAPES/FAPERGS. Membro do Grupo de Pesquisa - Relações de Fronteira: história, política e cultura na tríplice fronteira Brasil, Argentina e Uruguai, pela Cnpq /Univ. Federal do Pampa- UNIPAMPA. E-mail: wcjardim@hotmail.com

Esses problemas registrados nas primeiras operações da Guerra do Paraguai são abordados juntamente com a conjuntura política platina que determinou o conflito. As maquinações Mitrista e do Império que conduziram o Paraguai à guerra são por vezes desconsideradas em análises referentes ao conflito. Abordamos, no entanto, essa questão como condição importante para compreendermos os sucessos daquelas operações.

### **Gestando a Guerra**

Em 1863 o caudilho colorado Venâncio Flores partiu de Buenos Aires para submeter o governo Blanco e assumir o poder no Uruguai. O então presidente argentino **Bartolomé Mitre Martinez** [1821-1906], apesar de alegar neutralidade apoiou seu aliado, interferindo na política interna uruguaia. Bartolomé Mitre nutria esperanças de submeter às ex-províncias do antigo vice-reino do Prata sob o protetorado da oligarquia portenha. Para isso era necessário “acabar definitivamente con el partido federal en ambas márgenes del Plata y aplastar al Paraguay” (O’LEARY, 1970, p.131).

O governo paraguaio já havia pedido, em setembro de 1863, explicações sobre a interferência argentina nas questões do Uruguai. A ligação econômica com o Uruguai era para o Paraguai questão vital. Após o reordenamento político e econômico promovido pelo lopizmo [1840-1870] no Paraguai o livre acesso ao porto uruguaio era, do ponto de vista do bloco político e social que sustentava o lopizmo, questão de vida ou morte. Após a morte do doutor José Gaspar Rodrigues de Francia [1776-1840], os grupos sociais que tinham até então sido aliados do poder, retornam à cena política, entre eles os “estancieiros, plantadores e comerciantes” que necessitavam “de livre acesso ao mercado mundial através do rio da Prata” (MAESTRI, 2012, p.1).

Após infrutíferas tentativas de mediação do conflito e não tendo obtido êxito, o governo paraguaio inicia os preparativos para a guerra. “El Paraguay empezó a prepararse activamente para la guerra a principios de 1864, y en Marzo del mismo ano, Lopez estableció en Cerro Leon, un campamento militar, en que adiestraba para la guerra un ejército de 30.000 hombres de 16 à 50 años de. edad” (THOMPSON, 1910, p.13). O plano inicial do presidente Solano Lopez era fazer guerra à Argentina. Nessa luta Lopez possivelmente “contava com a aliança do governo oriental, com o apoio eventual do general Justo José Urquiza [1801-1870] e com a esperada confluência das forças federalistas argentinas provinciais...”(MAESTRI, 2012, p.5-6).

Até esse momento o governo imperial não havia demonstrado interesse em participar das questões no Uruguai. Os criadores de gado sulinos a muito reclamavam da nova postura adotada pelo presidente paraguaio Bernardo Berro [1803-1868]. Berro havia assumido uma postura de defesa aos interesses nacionais e não renovara os tratados de 1852 com o Império. Isso prejudicava os interesses dos criadores sul-rio-grandenses no Uruguai.

No início de 1864 os liberais assumem o gabinete mudando drasticamente a política do Império no Sul. O governo imperial resolve interferir nas questões do Prata. Em 20 de abril de 1864 partiu do Rio de Janeiro uma missão especial comandada pelo conselheiro José Antonio Saraiva [1823-1895]. Tal missão tinha por objetivo apresentar ao governo uruguaio um *ultimatum*, que foi confirmado somente em 4 de agosto de 1864. Tal ação viria acompanhada por expedição militar. Em correspondência ao conselheiro José Antonio Saraiva o então Ministro das relações exteriores do Império João Pedro Dias Vieira advertia que o governo imperial manteria a “neutralidade e que “o Governo Imperial prefere tentar um ultimo appello aos meios amigáveis” frente às questões dos brasileiros na Banda Oriental (SARAIVA, 1872, p.2-3).

A missão Saraiva não logrou êxito em sua atribuição principal, que era forçar o governo uruguaio a rever os tratados com o Império. No entanto aquela missão proporcionou a aliança entre a Argentina Mitrista e o Império. Os esforços de ambas potências sul americanas foram canalizados para a suplantação do partido federalista uruguaio e argentino e do Paraguai.

Em fins de 1864 a classe proprietária paraguaia dava fortes indícios de apoio a uma intervenção na questão do Uruguai. Em 12 de setembro houve uma grande manifestação nas ruas de Assunção. Os manifestantes se dirigiram ao palácio do governo de onde Francisco Solano López lhes proclamou que: “vuestro amor y patriotismo y el virtuoso Ejército de la República, han de sostenerme en todas las emergências para obrar cual corresponde a una Nación celosa de sus derechos y llena de um grandioso porvenir”, dizia ainda que se o governo imperial não lhe desse ouvidos naquela questão “apelaré a vuestro concurso, cierto de que, la patriótica decisión de que estais animados no há de faltarme para el triunfo de la causa nacional” (LÓPEZ, 1996, p. 95).

Em outubro de 1864 começava a ser traçado o trágico destino paraguaio na guerra que se aproximava. Nesse mês, “tropas imperiais atravessaram a fronteira para participar da conquista das vilas fortificadas de Salto e Paysandu, em aliança com

Venâncio Flores, sem qualquer declaração de guerra ao Uruguai” (MAESTRI, 2012, p. 7). O cerco estava fechado. A intervenção imperial no Uruguai determinava que o governo paraguaio poderia ter que abrir duas frentes de batalha. A decisão de Solano López era, no mínimo ingrata.

Ainda em outubro de 1864, Francisco Solano López enviara uma proposta de aliança ao general **Justo José de Urquiza y García** [1801-1870], governador da província argentina de Entre Rios. Solano López afirmava em sua correspondência que apoiaria aquele general caso resolvesse insurgir-se contra o governo de Bartolomé Mitre. Segundo Solano López, Urquiza seria apoiado caso quisesse “la separación de Entre Rios y Corrientes en un solo Estado” ou se pretendesse “la separación de Buenos Aires, y forma un solo Estado con las 13 provincias restantes” (LÓPEZ, 1996, p. 96). Nesse caso, segundo Solano López, ele deveria enviar um representante de seu governo para firmar um tratado com os governos do Uruguai e Paraguai.

Meses mais tarde quando já se havia deflagrado a guerra, Urquiza enviava a Solano López correspondência pedindo que o mesmo não agisse de forma a fazer o governo de Bartolomé Mitre abandonar a posição de neutralidade (Cf. LÓPEZ, 1996). O general entrerriano tentaria mais tarde se juntar as forças aliadas, o que não conseguiu devido a deserção de seu exército.

O governo paraguaio já havia desenvolvido algumas ações diplomáticas no sentido de garantir o equilíbrio do rio da Prata. Francisco Solano López optou por não recuar e empreendeu a Guerra ao Império e logo após seria forçado a abrir outra frente com a Argentina. Em 12 de Dezembro de 1864 o vapor de guerra paraguaio, Tacuari aprisionou o navio imperial Marquez de Olinda que levava a bordo o presidente da província do Mato Grosso.

Acerca destes sucessos o historiador Julio Cesar Chaves destaca que:

La violación del territorio Oriental por parte del Brasil ha puesto al Paraguay en el deber de usar de los recursos militares para neutralizar los sucesos y la acción del Brasil en aquel Estado, y me han decidido a hacer marchar una División de operaciones sobre la Provincia Brasileña de Matto Grosso y otra de expectación al territorio de la República en la izquierda del Paraná. (CHAVES, s/d, p. 106)

### **O início das operações**

Em 14 de dezembro de 1864 uma expedição naval paraguaia partia de Assunção para o ataque a Mato Grosso. Compunha esta expedição “três mil homens e duas baterias de campanha que foram embarcados em cinco vapores e três escunas. Duas

canhoneiras de fundo chato, cada uma delas com um canhão de 8 polegadas, iam também a reboque dos vapores” (THOMPSON, 1968, p. 43). Juntamente com a tropa encontravam-se o sexto e sétimo batalhões, considerados os melhores do exército paraguaio. Eram compostos por mulatos e foram apelidados de orelhas pequenas. Luiz Gonzáles que era major e depois coronel foi o responsável pelos batalhões destacados.

O alvo inicial do exército paraguaio era o forte Coimbra que deveria ser superado. O exército paraguaio, sob o comando de do general Barrios – cunhado de Solano Lopez – posicionou-se próximo ao forte em condições de atacá-lo. Em 27 de dezembro de 1864 “os paraguaios abriram fogo contra o forte, e o bombardeio continuou até o dia seguinte, quando se lançaram ao ataque” (THOMPSON, 1968, p. 44).

O ataque inicial não teve êxito, tendo sido repellido pela defesa. Os paraguaios preparavam para o dia seguinte um ataque regular para vencer os obstáculos postos. Tal empreitada não se fez necessária tendo em vista que a defesa imperial sob o comando de Porto Carreiro evacuou o local durante a noite. A força militar paraguaia era naquele momento muito superior à brasileira.

Após tomarem o forte Coimbra, o comandante Barrios deslocou-se para Albuquerque e Corumbá onde encontrou boa quantidade de munições e dessa última recolheram 23 canhões de bronze. Em Corumbá as tropas começaram a praticar aquilo que seria comum na campanha ofensiva paraguaia, o saque. As casas de Corumbá foram saqueadas e “algumas das melhores peças do butim foram enviadas como presente a López, que não desdenhou em aceitá-las” (THOMPSON, 1968, p. 45).

O general Resquín estava sob ordens de Barrios e empreendeu com um contingente de 2.500 homens um avanço por terra pelo interior de Mato Grosso. A notícia do ataque paraguaio já havia se espalhado e aquela província havia se tornado deserta onde continuaram empreendendo saques. Um carregamento com 67 canhões de bronze fora enviado para Assunção onde foram concertados e utilizados posteriormente na guerra. “Muitos carregamentos de pólvora, armas e munição foram enviados para o Paraguai, que retirou do Mato Grosso quase todos os arsenais que consumiu durante a guerra” (THOMPSON, 1968, p. 47). O Grosso das tropas paraguaias retornou para Assunção, tendo ficado em alguns pontos estratégicos uma guarnição de cerca de 1000 homens.

Para sustentar uma guerra contra o Império, Solano López necessitava de armamentos e víveres para as tropas. Quanto aos armamentos, sabe-se que na província

de Mato Grosso existia uma quantidade muito grande de armamentos. “A expedição paraguaia obteve igualmente no sul do Mato Grosso farto armamento ali armazenado, no que se refere à pólvora, fuzis, pistolas, espadas, canhões etc” (MAESTRI, 2012, p. 15) Francisco Solano López não almejava apoderar-se da província do Mato Grosso, necessitava sim de armamentos. Quanto aos víveres para o alimento da tropa, o apresamento de animais foi constante durante toda a campanha.

### **A Guerra no Sul**

Uma vez abastecido de armas e víveres para o exército, Francisco Solano López preparava as ações militares no sul. Após os primeiros sucessos na campanha contra o Império, obtidas na província de Mato Grosso, o exército paraguaio iniciou suas atividades em território argentino e brasileiro. Francisco Solano López dividiu seu exército em dois. “O exército principal, com cerca de 25 a 30 mil homens, concentrado em Humaitá, Passo da Pátria, e um exército secundário, de uns 10.500 soldados, igualmente das três armas – infantaria, cavalaria, artilharia” (MAESTRI, 2012, p. 17).

O exército principal seria comandado pelo general Wenceslao Robles seguido pelo coronel Francisco Isidoro Resquin. Esse exército teria a missão de ocupar a província de Corrientes-Argentina e tentar levantar forças federalistas naquela província e na de Entre-Rios, também na Argentina.

Em 14 de abril de 1865 o general Paraguaio Wenceslao Robles invadiu a província argentina de Corrientes e objetivava obter apoio da população local contra o governo de Buenos Aires. Seu efetivo era composto de 3.000 homens em cinco vapores. Esse efetivo era reforçado diariamente e chegou a 25.000 em pouco tempo. López enviou à Corrientes um grupo destinado a governar aquela província. O povo correntino em geral aprovava as ações paraguaias, tendo o exército paraguaio garantido a integridade física e patrimonial na cidade. Formou-se um triunvirato para governar Corrientes. Os triúnviros eram todos correntinos, no entanto estavam sob ordens de José Bergés, Ministro do Exterior paraguaio.

**General Robles**

**FONTE:** <http://www.mec.gov.py/cms/recursos/8437-el-general-wenceslao-robles-fue-fusilado-en-paso-de-patria-en-1866>

**Falsa Esperança**

Em Buenos Aires, Mitre se preparava para a guerra. Em 24 de abril de 1865 partiu de Buenos Aires o primeiro batalhão de tropas portenhas em direção a Corrientes. O general Urquiza, no qual López depositava sua confiança resolveu demonstrar lealdade ao governo de Buenos Aires. “Urquiza lançou grandes proclamações e fez declarações enfáticas levando Buenos Aires a crer que no dia 26 haveria de marchar com dez mil homens para socorrer Corrientes” (THOMPSON, 1968, p. 65).

As expectativas do governo paraguaio em relação à Urquiza também eram cultivadas. José Bergés em correspondência ao general entrerriano, dava conta dos acontecimentos e nutria esperança que o mesmo não se fizesse indiferente. As esperanças paraguaias no apoio de Urquiza terminaram quando “Solano López fora informado por carta e por enviado pessoal do caudilho entrerriano que ele não interviria ao lado do Paraguai” (MAESTRI, 2012, p. 17). De fato aquele general não se fez indiferente, decidiu apoiar Buenos Aires na empreitada contra o exército paraguaio. Urquiza, no entanto, “esqueceu” de avisar a seus homens que a guerra era contra os paraguaios com quem possuíam historicamente ligações de amizade.

Urquiza reuniu um contingente de 10.000 homens armados e fardados com dinheiro proveniente de Buenos Aires. Quando estava a caminho de Concórdia para encontrar-se com Mitre, Urquiza recebeu a notícia de que quase todo o seu exército havia fugido. Em nova tentativa de organizar um exército, seus homens tornaram a debandar. Urquiza não chegou a participar ativamente da guerra por conta das desistências de seus soldados, porém se o general não pode auxiliar aos aliados ajudou de maneira indireta a López que nutria esperança de contar com o general entrerriano e encorajava seu exército proclamando que teriam a qualquer hora auxílio do mesmo.

### **A Batalha do Riachuelo e a inação de Robles**

O general Cáceres comandante das forças correntinas recebeu em maio de 1865 o apoio do general argentino Paunero. As forças dos aliados seguidamente enfrentavam os paraguaios em solo correntino, isso em breves escaramuças. As forças de Cáceres e Paunero chegaram a 16 mil homens ao final de maio. O General Robles que contava com 25 mil soldados em Humaitá ao se deslocar para o sul deixou cerca de 7.500 homens em Corrientes (THOMPSON, 1968, p. 67). Paunero comandou uma expedição de 4 mil homens para reocupar aquela cidade. Em terra travaram-se intensos combates. Ambos os lados contabilizaram muitas baixas, tendo o exército paraguaio perdido cerca de 400 homens entre mortos e feridos. George Thompson em sua “Guerra do Paraguai” afirmou que Robles fez mal em deixar tão reduzido número de homens em Corrientes, no entanto ressalta que o mesmo só o fez por ordens de López (THOMPSON, 1968, p. 68).

Após aqueles acontecimentos, López decidiu partir para Humaitá. Nesse momento teve início um dos mais importantes combates, a batalha naval do Riachuelo. Apesar das disparidades entre as duas armadas tanto na qualidade dos navios quanto na experiência em combates houve certo equilíbrio naquele conflito. Francisco Solano López tão logo chegou a Humaitá em nove de junho de 1865 deu início às preparações para o combate. A armada paraguaia contava para aquela empreitada com nove barcos e 34 canhões. Desses barcos apenas o Tacuari era de guerra, sendo os outros mercantes, isso significa que eram impróprios para o combate (THOMPSON, 1968, p. 72).

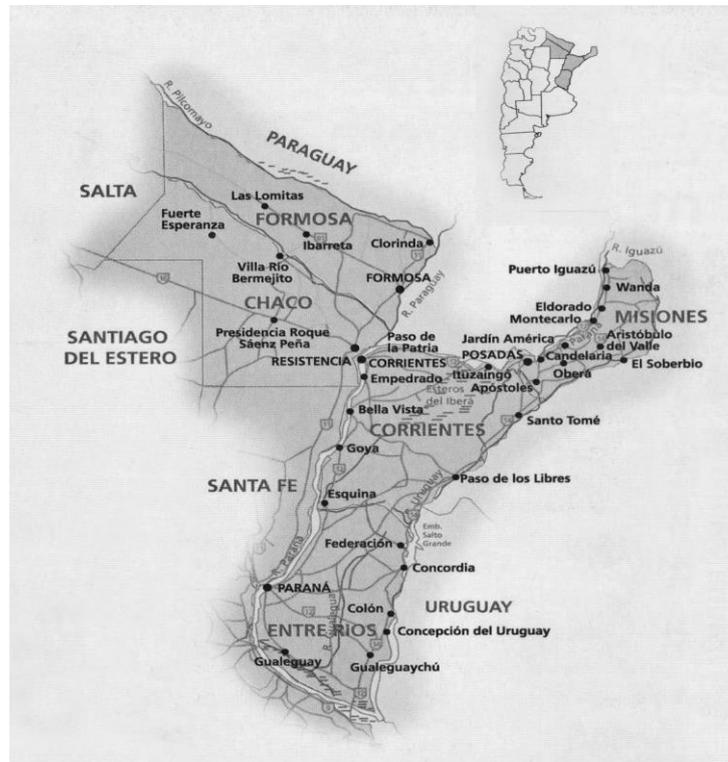
A esquadra imperial por sua vez era composta de nove vapores todos de guerra, portando 59 canhões ao todo. Uma manobra errada dos barcos de guerra paraguaios deu mais vantagem à armada imperial. A proposta de guerra paraguaia era alinhar os barcos paraguaios aos barcos brasileiros e submetê-los. No entanto a distancia entre um barco e

outro era demasiada grande e quando os barcos paraguaios retornaram foram surpreendidos pela armada imperial. Apesar da resistência paraguaia prevaleceu a qualidade das armas imperiais. As perdas do exército imperial foram cerca de 100 homens e 200 paraguaios.

O general Robles encontrava-se em Goya com o exército, tendo aí chegado a 3 de junho. Começou a retirar-se em marchas forçadas, no dia da Batalha do Riachuelo. Robles estabeleceu-se nas imediações de Empedrado ainda na província de Corrientes e permaneceu lá até o dia 23 de julho quando o Ministro da Guerra General Barrios com tom nada amistoso entregou-lhe carta de López. Esse após fazer leitura da mesma entregou sua espada e foi preso e conduzido a Humaitá onde permaneceu incomunicável. Havia uma suspeita de que Robles tivesse vendido o seu exército ao inimigo.

O general Robles passou por julgamento e condenado a fuzilamento juntamente com outros seis oficiais do seu estado maior. No lugar de Robles fora empossado o General Resquín que se encontrava em Mato Grosso. As manobras do General Robles que evitara o confronto e fugira com seu exército foi o primeiro demonstrativo do que seria aquela campanha ofensiva paraguaia. A outra coluna do exército de Solano Lopez sob comando do tenente coronel Antonio de La Cruz Estigarribia invadiria em junho de 1865 o território do Rio Grande do Sul e o resultado dessa ação traria de igual forma trágica.

## O Panorama Regional



**Fonte:** <http://www.elborgo.com/en/vivere-in-argentina/325-nord-est-1-chaco-corrientes-entre-rios.html>

### De Duarte a Estigarribia

Dias mais tarde marcharia de Itapuã no Paraguai uma coluna composta de 10.500 homens em direção a São Tomé, cidade correntina que fazia fronteira com a vila de São Borja no Rio Grande do Sul.

O presidente paraguaio havia escolhido o major Pedro Duarte [1829-1903] para chefiar a coluna que invadiria o território de corrientes e após cruzaria o rio Uruguay para o território do Império. Em 16 de janeiro de 1865, Solano López ordenara Pedro Duarte para “establecer un campamiento al otro lado del río Paraná, esto es á la izquierda y en la costa del arroyo Pindapoy”. No entanto, em 17 de abril de 1865, por motivos que desconhecemos, Solano López deu ordem para Pedro Duarte “entregar el mando del Ejército al teniente coronel Don Antonio de la Cruz Estigarribia” (DUARTE, s/d p. 1)

Os motivos pelos quais Solano López mudou os planos retirando das mãos de Pedro Duarte e entregando a Estigarribia o mando das operações no Sul ainda são desconhecidos para a historiografia. Essa operação, no entanto, pode ter mudado

drasticamente o destino da Guerra. O escolhido por Francisco Solano López para chefiar a desastrosa coluna paraguaia orbitava o círculo do poder no Paraguai. O mesmo, possivelmente não era militar de carreira, fora feito no campo de batalha.

Cogitou-se a hipótese de Antonio de La Cruz Estigarribia ser neto do famoso doutor Juan Vicente Estigarribia, médico ilustre do primeiro presidente paraguaio, José Gaspar Rodríguez de Francia. Tal informação não é verídica, uma vez que o referido médico não foi pai, possivelmente o tenente coronel Estigarribia tenha um parentesco com o médico Vicente Estigarribia, que não pudemos associar.

Não podemos precisar qual a relação direta entre o presidente paraguaio e o tenente coronel Estigarribia, o certo é que em 1859 quando da missão de Solano López à Buenos Aires este o acompanhara na condição de major do exército (Cf. O'LEARY, 1970, p. 71). Pedro Duarte também constava daquela delegação e tinha a graduação de subtenente. A trágica participação de Estigarribia naquela missão ficou evidenciada em Uruguiana, onde o exército paraguaio se rendeu sem dar um único tiro.

### **Mitre atraiu a Guerra**

Em cinco de fevereiro de 1865 chegava a Buenos Aires os despachos encaminhados pelo governo paraguaio solicitando permissão para seu exército atravessar a província de Corrientes. Bartolomeu Mitre, presidente da Confederação Argentina não concedeu a permissão. Solano López convocou um congresso que deveria realizar-se em cinco de março de 1865. No congresso ficou estabelecido entre outras coisas que o governo ficava autorizado a negociar empréstimo de 5000000 de libras, criar postos de elevado grau no exército, autorizando a emissão de papel moeda e autorizava a López mandar as tropas atravessar Corrientes quando necessário. Nas deliberações daquele congresso “ficou estabelecido que Buenos Aires declarara virtualmente guerra ao Paraguai ao não conceder permissão às suas tropas para atravessarem Corrientes, enquanto permitira os brasileiros subir o rio ameaçar o Paraguai” (THOMPSON, 1968, p. 51)

Em 13 de abril de 1865 uma esquadra paraguaia apoderou-se de dois navios argentinos ancorados no porto de Corrientes. A réplica do governo Argentino veio mais do que depressa e em discurso à população de Buenos Aires, Bartolomeu Mitre proclamava as seguintes palavras: “em vinte e quatro horas estaremos nos quartéis, em duas semanas estaremos em Corrientes, e em três meses, em Assunção” (THOMPSON, 1968, p. 54).

A obra estava consumada. As aspirações do presidente Bartolomé Mitre de submeter o Paraguai poderiam ser “legalmente” conseguidas. O tratado da tríplice aliança teoricamente não havia sido acordado. No entanto, possivelmente as aspirações do governo Argentino e Imperial convergiam já nessa época para a destruição do governo paraguaio.

Mitre fez uma tentativa para contar com as forças provenientes de Entre Rios sob o Comando de Urquiza. Nomeou este como Comandante das tropas de cavalaria de Entre Rios, no entanto, o constante estado de tensão em que se encontravam as províncias do interior frente à Buenos Aires dificultou as pretensões de Mitre. Urquiza não se manifestou pró ou contra, tampouco enviou seu exército para guerrear apesar de ter levantado 10.000 homens.

O presidente da Confederação declarou o bloqueio dos portos paraguaios. Para comandar a 1ª divisão do exército argentino, Mitre nomeou o general Paunero. Mitre ordenou ainda que os batalhões de infantaria fossem aumentados para 500 homens cada. Em 1º de maio de 1865 foi assinado em Buenos Aires o tratado secreto entre Argentina, Brasil e Uruguai. O conhecido tratado da Tríplice Aliança.

### **Precariedade do Exército**

Sobre a situação do exército paraguaio e suas condições para a guerra, o tenente coronel de Engenharia do exército paraguaio e ajudante de ordens de Solano López, George Thompson destaca alguns números interessantes. Segundo Thompson o exército paraguaio era composto por cerca de 80.000 homens distribuídos em três armas, cavalaria, infantaria e artilharia. O número de oficiais era reduzido uma vez que “López [era] muito parcimonioso em suas promoções” (THOMPSON, 1968, p. 57).

Os armamentos do exército paraguaio ou eram em pouco número ou eram de baixa qualidade. O batalhão da infantaria que se encontrava em Humaitá desde a época de Carlos López usava fuzis do tipo raiados. No entanto aqueles soldados eram obrigados a caçar com os armamentos para poderem comer, o que deixou os fuzis em situação precária. Os outros batalhões usavam ou fuzis de percussão ou velhos fuzis de pederneira (Cf. THOMPSON, 1968).

George Thompson oferece-nos importantíssimas informações sobre as condições dos armamentos paraguaios. Segundo aquele oficial:

Havia três regimentos de artilharia a cavalo, cada um dos quais composto de quatro baterias de seis canhões. Havia uma bateria de canhões de aço, raiados, com projéteis de 12 libras; os restantes eram de todos os tamanhos, formatos, pesos e metais imagináveis, variando os calibres entre 2 e 32 libras. A maior parte deles tinham sido recentemente montados em Assunção (THOMPSON, 1968, p. 58).

Segundo Thompson “a maior parte da artilharia paraguaia compunha-se de velhos e carcomidos canhões de ferro [...]”. Ainda segundo o autor, o número de canhões de todos os calibres existentes no Paraguai naquela época não ultrapassava 400. Sobre a esquadra paraguaia, arma extremamente importante para a campanha que se pretendia, tendo que enfrentar diversos cursos d’água e enfrentar, sobretudo, uma marinha extremamente experiente e bem armada como a imperial, destaca-se que:

“[...] compunha-se de dezessete pequenos vapores, todos de passageiros, com exceção do Añambay e do Tacuarí, ambos construídos como canhoneiras. Eram todos armados com canhões não raiados, de calibre entre 4 e 32 libras. O Jejuí tinha uma peça calibre 12, raiada, de carregar pela culatra” (THOMPSON, 1968, p. 59).

O exército paraguaio não estava completamente formado e treinado ao iniciar as hostilidades. As fáceis vitórias conseguidas no Mato Grosso haviam elevado o moral daquele exército, mas as condições no sul seriam diferentes. Francisco Solano López era conhecedor das dificuldades que seus soldados deveriam enfrentar na ofensiva do sul. Em tentativa de encorajar sua tropa, Solano López proclamou que “vuestra campaña no será larga y vuestros triunfos habrán afianzado para siempre el porvenir y la grandeza de la Nación.” (CHAVES, s/d, p. 115)

### **Conclusão**

O governo paraguaio não provocou a guerra, foi, no entanto, inserido nela pela conjuntura sócio-política regional, como visto. Após o início do conflito, ficava evidente o despreparo militar do Paraguai para sustentar aquele conflito com as duas grandes potências regionais, Argentina Mitrista e o Império. O despreparo se notabilizou quando dos insucessos das duas principais colunas paraguaias sobre o comando de Hobles e Estigarribia.

O plano tático de Solano López falhou. Ele pretendia conseguir ampla ajuda de Urquiza e dos demais povos do interior da Argentina, por isso enviara a Robles em uma frente que desastrosamente fracassou. Por outro lado pretendia no sul o apoio dos

partidários brancos uruguaios. Para tanto enviara para a campanha do Rio Uruguai um contingente de aproximadamente 10.500 homens sob Comando de Antonio de La Cruz Estigarribia. A proposta de López, no entanto, isolou suas duas frentes. Robles e Estigarribia estavam separados por cerca de duzentas milhas.

Estigarribia deixou uma vanguarda de 2.500 homens sob o comando do Major Pedro Duarte e ordenou que esse costeasse o rio Uruguai paralelo a sua coluna. Estigarribia cruzou o rio Uruguai separando de Duarte. Em 10 de maio ao cruzar o passo de São Borja, Antonio de La Cruz Estigarribia daria início ao maior fracasso militar daquela guerra. O exército paraguaio, em solo brasileiro, não só adotaria uma postura antibelicosa como registraria internamente as contradições sociais de um Paraguai em transformação desde a morte do douto José Gaspar Rodríguez de Francia.

As condições em que a tropa paraguaia lutava, carecendo de comida, de armas apropriadas, de roupas para suportar o intenso frio e tendo que aprender as manobras táticas durante a campanha podem ter precipitado os sucessos em Uruguaiana (Cf. ESTIGARRIBIA, 1965). Acrescenta-se a isso as contradições de toda ordem que se acirraram durante a campanha, tendo como exemplo prático as inúmeras deserções e os descumprimentos de ordens no alto escalão do exército paraguaio.

### **Referências Bibliográficas:**

DUARTE, Pedro B. *Biografia Militar de*. Disponível em [http://www.portalguarani.com/obras\\_autores\\_detalles.php?id\\_obras=8696](http://www.portalguarani.com/obras_autores_detalles.php?id_obras=8696). Acesso em 30 ab.2013.

CHAVES, Julio César. *Cartas y Proclamas de Francisco Solano López*. Biblioteca virtual del Paraguay, s/d. Disponível em <[www.portalguarany.com](http://www.portalguarany.com)> Acesso em 30 ab.2013.

\_\_\_\_\_, Julio César. *El Presidente Lopez: Vida y Gobierno de Don Carlos*. Buenos Aires: Ayacucho, 1955.

ESTIGARRIBIA, Antonio de La Cruz. *Diário militar* Revista Militar Brasileira. Ano LI – Nº 4 – Out. a Dez. 1965 – Vol. LXXVIII

GAY, Cônego João Pedro. *A invasão Paraguaia*. Caxias do Sul: Ed. Ucs, 1980

O'LEARY, Juan Emiliano. *El Mariscal Solano López*. 3 ed. Asunción: Paraguay, 1970.

MAESTRI, Mario. *O plano de Guerra Paraguai em uma Guerra Assimétrica:1865*. Comunicação apresentada ao Quarto Encontro Internacional de História sobre a Guerra da Tríplice Aliança, Corrientes, Argentina, 8-10 de Novembro de 2012.

SARAIVA, José Antonio. *Correspondências e documentos oficiais relativos á Missão Especial do Conselheiro José Antonio Saraiva ao Rio da Prata em 1864*. Tiphografia do Diário. Bahia, 1872.

THOMPSON, George. *Guerra do Paraguai*. Rio de Janeiro: Conquista, 1968.

\_\_\_\_\_, Jorge. *La Guerra del Paraguay*. Buenos Aires: Juan Palumbo, 1910